

FEIRA DE SABERES E SABORES DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA: TECNOLOGIA SOCIAL QUE INCLUI

FEIRA DE SABERES E SABORES OF THE STATE UNIVERSITY OF FEIRA DE
SANTANA: SOCIAL TECHNOLOGY THAT INCLUDES

FERIA DE CONOCIMIENTOS Y SABORES DE LA UNIVERSIDAD ESTATAL DE
FEIRA DE SANTANA: TECNOLOGÍA SOCIAL INCLUSIVA

Fábio Santos de Oliveira Santana¹, Juliana Rocha de Almeida², Rita Ribeiro Lima Menezes³,
José Raimundo Oliveira Lima⁴

DOI: 10.54899/dcs.v23i93.6579

Recibido: 10/07/2026 | Aceptado: 04/08/2026 | Publicación en línea: 11/08/2026.

RESUMO

Este artigo analisa a Feira de Saberes e Sabores da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) como uma experiência de Economia Popular e Solidária que se concretiza como Tecnologia Social. O objetivo geral do trabalho é analisar a feira com foco nos agricultores, nos produtos, nos processos de comercialização solidária, nos desafios enfrentados e nas práticas coletivas que sustentam sua organização. Os objetivos específicos consistem em: discutir a fundamentação teórica da Economia Popular E Solidária; apresentar a organização interna e o funcionamento da feira; interpretar os dados do perfil sociodemográfico dos feirantes; e relacionar as narrativas das entrevistas à geração de renda, ao saber familiar e à vida comunitária. A pesquisa adota um caráter exploratório e qualitativo, estruturada a partir de análise bibliográfica, documental com base em relatórios da Incubadora de Iniciativas da Economia Popular e Solidária (IEPS/UEFS) e da interpretação de entrevistas qualitativas realizadas com os feirantes. Como resultado, a análise evidencia que a feira não funciona apenas como simples espaço de compra e venda, pois sua organização envolve reuniões, regras coletivas, cuidado ambiental e construção de vínculos. Os resultados revelam ainda a relevância da renda para o sustento familiar, a centralidade da ancestralidade e as contradições expressas em dificuldades estruturais de transporte, armazenamento e logística. Conclui-se que a feira de Saberes e Sabores da UEFS fortalece práticas econômicas de base popular, mas requer suporte institucional contínuo para garantir sua estabilidade e permanência, portanto, faz-se necessário política pública adequada à especificidade.

Palavras-chave: Economia Popular e Solidária. Autogestão. Tecnologia Social. Feirante.

¹ Mestrando em Ciências Ambientais, Universidade de Feira de Santana, Feira de Santana, Bahia, Brasil.

E-mail: fabio35oliveira@gmail.com

² Mestranda em Planejamento Territorial, Universidade de Feira de Santana, Feira de Santana, Bahia, Brasil.

E-mail: al.julianarocha@gmail.com

³ Mestranda em Ciências Ambientais, Universidade de Feira de Santana, Feira de Santana, Bahia, Brasil.

E-mail: rita_rlm@hotmail.com

⁴ Doutor em Ciências Ambientais, Universidade de Feira de Santana, Feira de Santana, Bahia, Brasil.

ABSTRACT

This article analyzes the Saberes e Sabores Fair of the State University of Feira de Santana (UEFS) as a Popular and Solidarity Economy experience that materializes as a Social Technology. The general objective of this work is to analyze the fair focusing on the farmers, the products, the processes of solidarity commercialization, the challenges faced, and the collective practices that sustain its organization. The specific objectives consist of: discussing the theoretical foundation of the Popular and Solidarity Economy; presenting the internal organization and functioning of the fair; interpreting data on the sociodemographic profile of the vendors; and relating the interview narratives to income generation, family knowledge, and community life. The research adopts an exploratory and qualitative approach, structured through bibliographic and documentary analysis based on reports from the Incubator of Initiatives of the Popular and Solidarity Economy (IEPS/UEFS) and the interpretation of qualitative interviews conducted with the vendors. As a result, the analysis shows that the fair does not function merely as a simple space for buying and selling, since its organization involves meetings, collective rules, environmental care, and the building of bonds. The results also reveal the relevance of income for family sustenance, the centrality of ancestry, and the contradictions expressed in structural difficulties regarding transportation, storage, and logistics. It is concluded that the UEFS Saberes e Sabores Fair strengthens grassroots economic practices, but requires continuous institutional support to guarantee its stability and permanence; therefore, public policies tailored to its specific nature are necessary.

Keywords: Popular and Solidarity Economy. self-Management. Social Technology. Market Vendor.

RESUMEN

Este artículo analiza la Feria de Saberes y Sabores de la Universidad Estatal de Feira de Santana (UEFS) como una experiencia de economía popular y solidaria que se materializa en forma de tecnología social. El objetivo general del trabajo es analizar la feria centrándose en los agricultores, los productos, los procesos de comercialización solidaria, los retos a los que se enfrentan y las prácticas colectivas que sustentan su organización. Los objetivos específicos consisten en: debatir los fundamentos teóricos de la Economía Popular y Solidaria; presentar la organización interna y el funcionamiento de la feria; interpretar los datos del perfil sociodemográfico de los expositores; y relacionar los relatos de las entrevistas con la generación de ingresos, el saber familiar y la vida comunitaria. La investigación tiene un carácter exploratorio y cualitativo, y se estructura a partir de un análisis bibliográfico y documental basado en informes de la Incubadora de Iniciativas de la Economía Popular y Solidaria (IEPS/UEFS) y de la interpretación de entrevistas cualitativas realizadas a los vendedores del mercado. Como resultado, el análisis pone de manifiesto que el mercado no funciona únicamente como un simple espacio de compra y venta, ya que su organización implica reuniones, normas colectivas, cuidado del medio ambiente y creación de vínculos. Los resultados revelan además la importancia de los ingresos para el sustento familiar, el papel central de la ascendencia y las contradicciones que se manifiestan en las dificultades estructurales relacionadas con el transporte, el almacenamiento y la logística. Se concluye que el mercado «Saberes y Sabores» de la UEFS refuerza las prácticas económicas de base popular, pero requiere un apoyo institucional continuo para garantizar su estabilidad y permanencia; por lo tanto, es necesaria una política pública adecuada a sus características específicas.

Palabras clave: Economía Popular y Solidaria. Autogestión. Tecnología Social. Vendedor Ambulante.



Esta obra está bajo una [Licencia Creative Commons Atribución- NoComercial 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

INTRODUÇÃO

A Feira de Saberes e Sabores da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) representa uma experiência de economia popular e solidária que aproxima a comunidade acadêmica da agricultura familiar, da produção artesanal, da gastronomia típica e do cultivo de plantas medicinais e ornamentais. Mais do que um ponto de venda de caráter mercantil, a feira se constitui como um espaço dinâmico de trabalho, sociabilidade e aprendizagem coletiva. Sua existência demonstra que práticas econômicas concretas podem ser organizadas sob os princípios da cooperação, da autogestão, da valorização do saber popular e da relação de proximidade entre produtores e consumidores (IEPS, 2020a).

O interesse científico e social nesta experiência reside na sua capacidade de unir o saber científico e o saber popular articulando estudantes, agricultores, artesãos, famílias produtoras e coletivos assessorados pela Incubadora de Iniciativas da Economia Popular e Solidária da UEFS (IEPS-UEFS). Iniciado em 2017, o projeto passou a ocupar o canteiro central da universidade em 2018 e tornou-se semanal em 2019, ocorrendo sempre às terças e quintas-feiras. Essa trajetória consolida uma vivência que se territorializa no *campus* universitário, mantendo profundas conexões com as comunidades rurais e urbanas de Feira de Santana e de municípios vizinhos (IEPS, 2020a).

O objetivo geral deste artigo é analisar a Feira de Saberes e Sabores da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) como uma experiência de Economia Popular e Solidária que se configura como tecnologia social, examinando os agricultores, os produtos, os processos de comercialização solidária, os desafios enfrentados e as práticas coletivas que sustentam sua organização e fortalecem sua permanência. Assim, à luz da fundamentação teórica que ampara a Economia Popular e Solidária, apresentamos a estrutura organizacional e as regras de convivência da Feira, interpretamos os dados do perfil sociodemográfico dos participantes e relacionamos as trajetórias expressas nas entrevistas qualitativas à geração de renda, ao saber familiar e à dinâmica comunitária.

Do ponto de vista metodológico, este estudo caracteriza-se como uma pesquisa exploratória de abordagem qualitativa. O percurso investigativo baseou-se em três pilares: pesquisa bibliográfica, análise documental e entrevistas de campo. A pesquisa bibliográfica consistiu na revisão de literatura sobre Economia Solidária, Autogestão, Desenvolvimento Local e Tecnologia Social.

A análise documental incidiu sobre os documentos institucionais gerados pela IEPS-UEFS. Foram analisados o *Diagnóstico Sociodemográfico sobre os Feirantes* (IEPS, 2019), o *Catálogo de Apresentação da Feira de Saberes e Sabores* (IEPS, 2020a), o catálogo *Tecnologias Sociais: o que a feira tem a ensinar* (IEPS, 2020b), o guia do projeto *Feira Livre e Itinerante (FLIDRATS)* (IEPS, 2020c) e as *Regras de Convivência da Feira* (IEPS, 2023).

No que concerne à análise das entrevistas de campo realizadas em 2026, procedeu-se à interpretação qualitativa e categorização temática de roteiros de entrevistas aplicados a feirantes ativos representados por nomes de referência como Romildo, Nilza e Lourença. As narrativas foram tratadas por meio da identificação de recorrências temáticas (renda, ancestralidade, cooperação e desafios logísticos), sem o uso de transcrições literais, preservando a identidade e a ética no trato das falas.

O ponto de partida dos pesquisadores foi a compreensão de que a Feira de Saberes e Sabores constitui uma tecnologia social capaz de promover a inclusão socioprodutiva. Contudo, essa experiência é atravessada por limites estruturais que tensionam sua sustentabilidade diária.

Além desta introdução, este artigo está estruturado em quatro seções principais: 2. *Fundamentação Teórica*; 3. *A Feira de Saberes e Sabores da UEFS: Organização Interna e Tecnologia Social*; 4. *Narrativas das entrevistas: análise das evidências e a categoria do feirante* e, por fim, as *Considerações finais*.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A fundamentação teórica sustenta conceitualmente esta pesquisa e articula eixos como Economia Popular e Solidária, Agricultura Familiar, Desenvolvimento Local, Tecnologias Sociais, Autogestão e Organização do Trabalho Produtivo. Por meio da revisão de livros, artigos, documentos e entrevistas, o referencial teórico situa o estudo no campo científico, orientando a análise e a reflexão sobre os dados empíricos coletados.

Economia Popular e Solidária, Trabalho Associado e Desenvolvimento Local

A Economia Popular e Solidária desenvolve-se como uma resposta de sobrevivência e resistência da classe trabalhadora diante dos processos de exclusão, desemprego estrutural e precarização do trabalho. Conforme Diniz (2019), longe de limitar-se ao conceito de setor informal, ela compreende formas de produção, circulação, distribuição e consumo que priorizam a cooperação, a reciprocidade, a autogestão e a reprodução ampliada da vida. A feira abordada neste estudo materializa essa perspectiva ao reunir iniciativas que produzem e comercializam em rede, aliando a necessidade de geração de renda à preservação de valores comunitários e ecológicos.

Contudo, essa vertente econômica não se confunde com o assistencialismo: ela se sustenta em sujeitos sociais concretos que mobilizam sua força de trabalho, saberes tradicionais e redes de parentesco para assegurar a subsistência ativa. Goerck e Fraga (2010) associam a Economia Popular e Solidária às manifestações da "questão social", uma vez que ela emerge como espaço de resistência e alternativa real de proteção para trabalhadores historicamente vulnerabilizados pelo mercado de trabalho formal.

O trabalho associado, por sua vez, expressa-se na cooperação recíproca entre sujeitos que planejam e decidem coletivamente. Na feira da UEFS, essa lógica traduz-se na realização de rodas de conversas, reuniões de planejamento, na formulação de regras coletivas de convivência, na estruturação de comissões de trabalho e na partilha de responsabilidades (IEPS, 2023). Embora a experiência não anule as contradições e diferenças individuais existentes entre os feirantes, ela estabelece mediações coletivas indispensáveis para que os conflitos e demandas comuns sejam geridos de forma democrática.

O Desenvolvimento Local Solidário requer a construção de uma organicidade consistente entre as bases produtivas, a universidade e o território circundante. Nesse cenário, como aduz Lima (2016), as Incubadoras Tecnológicas Universitárias de Economia Solidária (ITCPs), as Incubadoras de Cooperativas e as Incubadora Populares desempenham um papel de mediação pedagógica e técnica, conectando o conhecimento científico à sabedoria popular. A atuação da IEPS-UEFS exemplifica essa integração ao oferecer assessoramento contínuo, processos formativos e articulação de redes que ultrapassam a dimensão puramente comercial da feira.

Ainda conforme o estudioso, esse conjunto articulado entre Economia Popular e Solidária e incubadoras promovem o trabalho e a produção associada, seja pelo associativismo

comunitário, cooperativismo ou grupos solidários informais e propiciam a engrenagem, das e entre as economias comunitárias a bem de um bem viver ou desenvolvimento local endógeno (Lima, 2023).

Autogestão e Regras de Convivência

A autogestão constitui um dos princípios basilares da Economia Popular e Solidária. No entanto, sua viabilização prática exige um olhar despido de romantizações. Faria (2017) adverte que as organizações autogestionárias operam nos limites do modo de produção capitalista, enfrentando pressões constantes entre a lógica de solidariedade interna e as imposições concorrenciais do mercado externo. Essa lente analítica é fundamental para compreender a Feira de Saberes e Sabores como uma prática em constante disputa que busca forjar relações de trabalho alternativas enquanto lida com limitações objetivas de preços, logística e regulação institucional.

As regras de convivência pactuadas na feira demonstram que a autogestão se materializa em normas práticas baseadas na ética, na justiça distributiva, na equidade de gênero, no respeito à diversidade e na responsabilidade socioambiental (IEPS, 2023). Essas diretrizes organizam o fluxo de entrada de novos feirantes, a frequência, o uso compartilhado do espaço físico e a gestão dos resíduos gerados durante a comercialização.

Ademais, os princípios do cooperativismo – com destaque para a educação, formação e informação e a Intercooperação – mostram-se essenciais para dotar as iniciativas de sustentabilidade. Ao analisarem a experiência da Cooperativa de Produção da Agricultura Familiar e Economia Solidária de Feira de Santana (COOBAF/FS), Lima e Santos (2026) destacam o caráter pedagógico e formador das relações de trabalho cooperativas. Esse papel formativo assemelha-se às ações de extensão desenvolvidas pela IEPS-UEFS, que promovem rodas de conversa sobre segurança alimentar, finanças solidárias e gestão participativa.

A intercooperação também atua como estratégia para mitigar os gargalos de comercialização enfrentados por pequenos produtores. Conforme sinalizado por Lima e Carvalho (2026), a articulação em redes colaborativas de diferentes escalas permite que contornem barreiras sanitárias, fiscais e mercadológicas. Na Feira de Saberes e Sabores, esse dinamismo manifesta-se no compartilhamento de pontos de venda, na troca de insumos e na complementariedade das cadeias produtivas representadas pelos diversos feirantes.

A preocupação com a dimensão ecológica integra-se diretamente a essa dinâmica. Tygel

(2007) argumenta que a Economia Solidária e a Educação Ambiental convergem ao questionarem os padrões hegemônicos de produção e consumo predatórios. Na experiência da UEFS, essa relação traduz-se no estímulo à transição agroecológica, no manejo responsável de resíduos orgânicos e na busca ativa pela redução de embalagens plásticas descartáveis durante o comércio semanal (IEPS, 2023).

Por fim, cumpre destacar o resgate histórico da feira livre como espaço tradicional de sociabilidade, oralidade e trocas populares. Em Feira de Santana, cidade cuja gênese urbana confunde-se com as rotas de tropeiros e o comércio de gado (Ferreira; Rios; Oliveira, 2018), a feira no *campus* universitário resgata essa vocação histórica. Contudo, ela introduz um novo elemento ao deslocar a feira para o interior da universidade pública, convertendo-a em um território de diálogo de saberes entre a academia e as comunidades periféricas e camponesas.

A FEIRA DE SABERES E SABORES DA UEFS: ORGANIZAÇÃO INTERNA E TECNOLOGIA SOCIAL

A Feira de Saberes e Sabores da UEFS foi gestada no âmbito das ações de extensão e assessoria da IEPS-UEFS. Concebida com uma dupla dimensão – pedagógica e econômica –, ela busca construir um canal contínuo de escoamento para a produção de pequenos produtores da agricultura familiar e do artesanato, além de servir como modelo experimental de feira autogestionária replicável em outros territórios e municípios da região (IEPS, 2020a).

A feira está instalada no canteiro central do *campus* universitário, espaço conhecido popularmente como “meio do caminho”. Essa localização estratégica garante visibilidade, fluxo constante de transeuntes (estudantes, professores, técnicos e visitantes externos) e facilidade de acesso. Contudo, o espaço impõe desafios severos de infraestrutura, exigindo que os feirantes montem e desmontem semanalmente suas barracas e transportem seus mostruários (IEPS, 2020a).

O espaço abriga uma diversidade de saberes tradicionais materializados em produtos. Participam da feira grupos e iniciativas consolidadas, como a Universidade Aberta à Terceira Idade (UATI), Rede Recostura, Sueli Artesanatos, Coletivo Amoras, agricultores familiares de Amélia Rodrigues, Apiário Flor do Sertão, Pão Vida Integral, Comunidade Quilombola Moita da Onça, Agricultores da Formiga, Delícias da Princesa, Café Mucambo, Mourão Bonsai, Seu Antônio e Oca Verde (IEPS, 2020a).

Para compreender a composição social dos sujeitos que dão vida a esse espaço, o **Quadro**

1 apresenta a síntese do perfil sociodemográfico das iniciativas incubadas:

Quadro 1. Perfil Sociodemográfico dos feirantes da Feira de Saberes e Sabores (IEPS/UEFS)

Indicador Sociodemográfico	Frequência / Resultado Informado	Significado para a Economia Popular
Universo Pesquisado	49 feirantes cadastrados (41 respondentes e 8 não respondentes)	Abrangência robusta que reflete as principais iniciativas assistidas pela IEPS.
Perfil de Gênero	31 mulheres, 7 homens e 3 sem informação	Expressiva centralidade feminina na condução das atividades econômicas e do cuidado familiar.
Faixa Etária	Predomínio de 26 participantes entre 41 e 60 anos	Concentração em faixas etárias maduras, marcadas por acúmulo de saberes produtivos.
Escolaridade	Predomínio de Ensino Médio completo com trajetórias diversas	Aprendizado prático compartilhado com os processos formativos da incubadora.
Responsabilidade Familiar	22 pessoas declaram-se chefes de família	A feira desempenha papel fundamental para a garantia da subsistência e reprodução do lar.
Local de Moradia	20 residem em zona urbana e 20 em zona rural (1 sem informação)	Caráter híbrido da feira, estabelecendo canais diretos de conexão campo-cidade.

Fonte: Elaborado pelos autores com base nos dados do *Diagnóstico Sociodemográfico sobre os Feirantes da Feira de Saberes e Sabores da UEFS* (IEPS, 2019).

O quadro acima demonstra uma diversidade de características sobre os feirantes, tanto em relação aos perfis pessoais quanto a idade, gênero, bem como no que se refere à formação educacional. Isso indica uma maneira de aprender, ou seja, trata-se da necessidade de um processo educativo popular.

Organização Coletiva e Tecnologia Social

O funcionamento interno da feira está condicionado a decisões tomadas coletivamente em assembleias mensais. Conforme determinam as *Regras de Convivência* (IEPS, 2023), os feirantes deliberam democraticamente sobre o calendário anual, os horários de funcionamento (das 8h às 17h), os critérios para o ingresso de novas iniciativas, o gerenciamento do fundo comum e a escala de limpeza coletiva do espaço físico.

O cuidado ambiental constitui norma explícita no regulamento. Orienta-se a eliminação progressiva de descartáveis plásticos de uso único, a substituição por utensílios reutilizáveis e o descarte seletivo dos resíduos gerados. Esse elemento confere à feira um caráter formador, traduzindo práticas de educação ambiental para o cotidiano do comércio (IEPS, 2023).

Considerada uma tecnologia social no catálogo *TecSol* (IEPS, 2020b), a feira caracteriza-se por ser uma metodologia de inclusão social de baixo custo, replicável e voltada à resolução de problemas de comercialização de grupos vulnerabilizados. Um exemplo emblemático dessa dimensão é a mesa de exposição de produtos desenhada e construída coletivamente por iniciativa e sob liderança de um dos feirantes. Essa mesa foi projetada para atender às necessidades específicas de armazenamento e ergonomia exigidas pela comercialização itinerante, representando uma inovação tecnológica de caráter popular desenvolvida com e para a comunidade (IEPS, 2020b).

O desenvolvimento da feira baseia-se em uma metodologia processual expressa no projeto *Feira Livre Itinerante para o Desenvolvimento, Reaplicação e Apropriação de Tecnologias Sociais* (FLIDRATS/IEPS, 2020c). Essa trajetória inclui etapas coordenadas de planejamento participativo, seminários de avaliação, cursos de formação técnica e rodas de conversa com comunidades tradicionais, a exemplo dos grupos *Sabores do Quilombo* e *Olhos d'Água da Formiga*, consolidando um percurso continuado de acompanhamento e formação mútua.

NARRATIVAS DAS ENTREVISTAS: ANÁLISE DAS EVIDÊNCIAS E A CATEGORIA DO FEIRANTE

A análise das narrativas dos feirantes permite compreender as subjetividades, os limites cotidianos e as potencialidades que caracterizam a figura social do feirante. Trata-se de um sujeito cuja trajetória é marcada pela intersecção entre o trabalho produtivo, a herança familiar e a dedicação diária à viabilização de um mercado pautado na reciprocidade.

A permanência no espaço da feira constitui um forte indicador de sua consolidação social. Feirantes pioneiros, como Romildo e Nilza, relatam um histórico de engajamento de aproximadamente dez anos em feiras livres e redes de Economia Popular. Essa longevidade aponta para a constituição de vínculos de mútua confiança e fidelidade estabelecidos entre os produtores e o público envolvido universitário (Entrevistas de campo, 2026).

A diversidade dos produtos oferecidos reflete a riqueza dos saberes tradicionais e a sazonalidade produtiva. Entre os itens comercializados figuram amendoim torrado, doce de leite caseiro, tapiocas recheadas, frutas *in natura* (caju, umbu, cajá, banana, lima), derivados da mandioca (puba, goma, beiju), cuscuz de tapioca, bolos tradicionais e castanhas de caju. Esses produtos não constituem mercadorias frias; eles carregam memórias afetivas, o trabalho familiar

na terra e saberes culinários herdados (Entrevistas de campo, 2026), o que faz com que os consumidores não sejam apenas consumidores, mas sujeitos implicados socialmente nos processos de circulação e consumo dos produtos da feira.

A renda obtida na feira assume papel crucial na economia doméstica dos participantes. Em consonância com as discussões teóricas de Magno *et al.* (2022), as falas dos entrevistados sinalizam que os valores obtidos representam ora a principal fonte de sustento familiar, ora um complemento financeiro indispensável à subsistência autônoma no meio rural e na periferia urbana (Entrevistas de campo, 2026).

A ancestralidade surge como elemento de forte valor simbólico. Os sujeitos entrevistados ressaltam que o ato de produzir e vender resgata práticas transmitidas por pais e avós, convertendo o espaço físico da feira em um território de preservação e valorização cultural do modo de vida camponês e periférico. Como relata Nilza, o comércio semanal associa-se de forma íntima ao aprendizado intergeracional e à defesa da identidade cultural e ecológica dos territórios produtores (Entrevistas de campo, 2026).

O **Quadro 2** seguir sintetiza as principais categorias interpretativas construídas a partir do mapeamento das entrevistas qualitativas:

Quadro 2. Categorias Interpretativas Extraídas das Entrevistas com feirantes

Categoria Analítica	Evidências Identificadas nas Narrativas	Interpretação Teórico-Empírica
Geração de Renda	Contribuição vital para a subsistência do lar, atuando como renda central ou complemento decisivo.	A renda gerada pela feira reafirma a Economia Popular e Solidária como estratégia de fortalecimento da subsistência familiar e de promoção do desenvolvimento local (Magno <i>et al.</i> , 2022).
Saber Familiar e Produtos	Comercialização de derivados de mandioca, bolos, beijos, doces caseiros, plantas e artesanato.	A produção materializa conhecimentos empíricos tradicionais e conexões com o meio rural.
Desafios Estruturais	Custo elevado com fretes particulares, dificuldades de deslocamento diário e montagem de estruturas	Os desafios estruturais evidenciam que a sustentabilidade da feira requer organização coletiva e apoio institucional, em consonância com Lima e Nunes (2023), que compreendem a Economia Popular e Solidária como um processo educativo fundamentado na cooperação e na construção coletiva.
Ancestralidade e Identidade	Relatos de práticas produtivas aprendidas com antepassados no trato com a roça e a culinária.	A feira atua como espaço de salvaguarda de memórias sociais e identidades territoriais.
Sustentabilidade Ecológica	Destinação de resíduos orgânicos da produção doméstica para compostagem e adubação agroecológica.	Alinhamento prático entre a Economia Solidária, o cuidado ambiental e os princípios da Agroecologia.

Solidariedade e Redes	Práticas espontâneas de entreatajuda, partilha de trocas comerciais e acolhimento pela comunidade.	Configuração da feira como rede social baseada no capital social, confiança e cooperação recíproca.
------------------------------	--	---

Fonte: Elaborado pelos autores com base nos registros qualitativos das *Entrevistas de Campo* (2026).

As entrevistas confirmam as discussões desenvolvidas ao longo deste estudo e ampliam a compreensão sobre a complexidade da Feira de Saberes e Sabores da UEFS, evidenciando aspectos que extrapolam a dimensão econômica e alcançam as dimensões cultural, territorial e socioambiental que caracterizam a experiência dos trabalhadores feirantes e dos demais sujeitos envolvidos.

As evidências identificadas nas narrativas revelam que a feira constitui um espaço de geração de trabalho e renda, contribuindo de forma significativa para a subsistência das famílias, seja como principal fonte de renda, seja como complemento essencial ao orçamento doméstico. Ao mesmo tempo, os relatos evidenciam desafios estruturais, como os elevados custos de transporte, as dificuldades de deslocamento, a montagem das estruturas e as limitações logísticas, demonstrando que a sustentabilidade da iniciativa depende tanto da organização coletiva quanto do fortalecimento do apoio institucional.

As interpretações teórico-empíricas corroboram que a feira se configura como uma experiência de Economia Popular e Solidária fundamentada na cooperação, na autogestão e na construção coletiva de soluções (Lima; Nunes, 2023), além de reafirmar seu papel como estratégia de geração de trabalho, fortalecimento da autonomia econômica e promoção do desenvolvimento local (Diniz, 2019; Magno *et al.*, 2022).

Nesse contexto, as narrativas evidenciam que a feira não se limita à comercialização de produtos, mas constitui um espaço de valorização dos saberes tradicionais, das identidades territoriais e das relações de solidariedade, consolidando-se como uma prática educativa e social comprometida com o fortalecimento dos sujeitos e do território.

Agricultores, Alimentos e Comercialização Local

Os agricultores familiares exercem um papel estruturante na dinâmica da feira ao aproximarem a produção do campo das demandas do mercado consumidor universitário. Iniciativas camponesas locais e regionais, como os agricultores de Amélia Rodrigues, a Comunidade Moita da Onça e os Agricultores da Comunidade Formiga, fortalecem o

abastecimento do *campus* com raízes, verduras e hortaliças produzidas sem o uso intensivo de agrotóxicos (IEPS, 2020a).

Essa modalidade de comércio fomenta o estabelecimento de circuitos curtos de comercialização, eliminando a intermediação parasitária dos atravessadores tradicionais. Cansanção, Dias e Mandes Júnior (2024) observam que as feiras livres desempenham função primordial na garantia da segurança alimentar e nutricional ao facilitarem o acesso a alimentos frescos e de forte identidade cultural a preços acessíveis.

Além disso, a comercialização local no ambiente acadêmico tensiona as barreiras institucionais ao valorizar o conhecimento tradicional. Quando o feirante camponês apresenta seus produtos e relata as técnicas de colheita, processamento da mandioca e conservação de sementes, ele introduz no espaço acadêmico um saber vivo que enriquece os processos de ensino, pesquisa e extensão (Lima e Nunes, 2023).

Trabalho Feminino, Família e Redes de Cuidado

Como demonstrado no perfil sociodemográfico (IEPS, 2019), o protagonismo feminino é uma marca expressiva na Feira de Saberes e Sabores, com as mulheres representando a grande maioria das iniciativas produtivas. Esse dado confirma que, no âmbito das experiências de Economia Solidária, a participação das mulheres transcende a mera busca por receitas complementares, configurando-se como canal essencial para a conquista da autonomia financeira e superação de vulnerabilidades domésticas.

Contudo, essa atuação vem frequentemente acompanhada por uma dupla ou tripla jornada de trabalho na qual as mulheres feirantes articulam a colheita, o processamento dos alimentos, o comércio no *campus*, os afazeres domésticos e o cuidado dos dependentes. Grupos coletivos compostos majoritariamente por mulheres, a exemplo das iniciativas *Amoras* e *Delícias da Princesa*, demonstram como a organização solidária e o cooperativismo criam redes de proteção e cuidado mútuo, permitindo a divisão coletiva de tarefas e a partilha de recursos (IEPS, 2020a).

Limites Estruturais, Permanência e Possibilidades de Fortalecimento

A despeito dos avanços evidenciados ao longo da trajetória da feira, tais como a conquista de uma estrutura de barracão fixo e a participação em eventos e intercâmbios fora do estado, os

feirantes enfrentam gargalos logísticos crônicos. As narrativas colhidas apontam para o impacto negativo gerado pelo alto custo dos fretes contratados para o transporte de mercadorias e de equipamentos individuais (como mesas, cadeiras, expositores e botijões de gás) de suas residências até a universidade.

O tempo dedicado à preparação logística também se mostra substancial. Relatos indicam que o processo de seleção, colheita, higienização e acondicionamento das mercadorias rurais consome até dois dias de trabalho prévio que antecedem o dia de realização da feira. Esse esforço invisível ao consumidor final impacta diretamente a qualidade de vida e a saúde física dos feirantes, haja vista que, para muitos, essa é uma atividade adicional (Entrevistas de campo, 2026).

Outros limites de infraestrutura pontuados nas entrevistas dizem respeito à necessidade de banheiros de acesso rápido próximos à feira, locais apropriados no *campus* para o armazenamento de equipamentos permanentes e de grande porte, e melhorias na comunicação institucional para a divulgação do calendário acadêmico e de suspensões de atividades.

Esses obstáculos evidenciam que a sustentabilidade da autogestão popular como elemento organizacional não prescinde de políticas públicas de suporte estrutural, embora as políticas públicas por dentro, conforme aponta Boneti (2006) sejam essenciais. Nessa perspectiva, segundo apontam Brandão e Lima (2025), a Economia Popular e Solidária opera em uma zona de tensão constante entre a informalidade inerente à subsistência dos feirantes e as crescentes pressões por regularização fiscal, sanitária e administrativa. Assim, para que a feira se consolide e preserve sua natureza pedagógica e de inclusão, é imperativo que a administração acadêmica e os órgãos públicos garantam condições operacionais mínimas capazes de atenuar o desgaste físico, os custos de transporte, entre outros, que recaem individualmente sobre cada grupo familiar ou feirante (IEPS, 2023).

Ademais, as práticas ecológicas identificadas, tais como o reaproveitamento de sobras orgânicas para a produção de compostos utilizados na nutrição de lavouras camponesas (como relatado na prática de Lourença), evidenciam conexões promissoras com as metas globais de desenvolvimento sustentável. Esse alinhamento reflete-se de modo especial no ODS 12 (Consumo e Produção Responsáveis) e no ODS 2 (Fome Zero e Agricultura Sustentável), fortalecendo a feira como referência de transição para padrões sustentáveis de produção agrícola familiar em bases agroecológicas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Feira de Saberes e Sabores da UEFS consolida-se como um campo fértil onde a Economia Popular e Solidária, a Agricultura Familiar e a Tecnologia Social se materializam em uma experiência pedagógica e produtiva de Desenvolvimento Local. Ela revela que o *campus* universitário pode se constituir como um território acolhedor para a circulação de bens, a valorização de saberes tradicionais e o fortalecimento de canais de comercialização solidária campo-cidade, além de indicador relevante de elaboração e avaliação de políticas públicas para esse seguimento de trabalho organizado.

A investigação evidenciou que a feira atua como um espaço central de geração de renda para a reprodução socioeconômica de dezenas de famílias trabalhadoras, destacando-se o forte protagonismo das mulheres feirantes. Por intermédio das regras de convivência autogestionárias, da intercooperação e do resgate da ancestralidade na produção de alimentos tradicionais, a feira institui racionalidades econômicas alternativas que superam o viés meramente mercantilista das trocas comerciais convencionais.

No entanto, o estudo também revelou limitações operacionais que fragilizam o cotidiano dos participantes. Dificuldades associadas ao transporte de insumos, fretes onerosos, carência de espaços de armazenamento no *campus* e infraestrutura básica inadequada evidenciam que a autogestão popular demanda suporte institucional continuado. O fortalecimento desta experiência requer, portanto, investimentos em infraestrutura física fixa, apoio logístico integrado e manutenção de processos formativos liderados pela extensão universitária. Salvar a essência popular, autogestionária e incluyente da Feira de Saberes e Sabores representa o principal horizonte para a sua sustentabilidade histórica, permanência no canteiro central da universidade e sua disseminação, fortalecendo condições de protagonismo político e de organização coletiva do trabalho.

Esta pesquisa, em que pese a necessidade de continuidade em outras diversas lacunas e inclusive, ampliação dessa nossa abordagem, nos deu uma noção relevante sobre um tema que não conhecíamos na perspectiva estudada. Concluímos, portanto, que a Feira de Saberes e Sabores da UEFS fortalece práticas econômicas de base popular, mas requer suporte institucional contínuo para garantir sua estabilidade e permanência, por isso, faz-se necessário política pública adequada à especificidade.

REFERÊNCIAS

BONETI, Lindomar Wessler. **Políticas públicas por dentro**. 1ª Edição. Editora Unijuí, 2006.

BRANDÃO, Gabriela Samara Santos; LIMA, José Raimundo Oliveira. Feira de Saberes e Sabores da UEFS: principais desafios e experiências jurídicas frente ao trabalho informal e à formalização. In: SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UEFS, 29., 2025, Feira de Santana. **Anais [...]** Feira de Santana: UEFS, 2025. p. 1-4. Disponível em: <https://anais.uefs.br/index.php/semic/article/view/387>. Acesso em: 6 jun. 2026.

CANSANÇÃO, Andreza Soares da Cruz; DIAS, Juliana Michaello Macedo; MANDES JÚNIOR, Walcler de Lima. A feira livre como mola propulsora da segurança alimentar e nutricional. **Contribuciones a Las Ciencias Sociales**, São José dos Pinhais, v. 17, n. 10, p. 1-22, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.55905/revconv.17n.10-230>. Acesso em: 6 jun. 2026.

DINIZ, Sibelle Cornélio. Possibilidades da economia popular e solidária no Brasil contemporâneo: apontamentos. **Nova Economia**, Belo Horizonte, v. 29, n. 3, p. 963-985, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0103-6351/4685>. Acesso em: 6 jun. 2026.

ENTREVISTAS DE CAMPO. **Registros de entrevistas com feirantes da Feira de Saberes e Sabores da UEFS**. Feira de Santana: PROFICIAMB/ PLANTERR, 2026.

FARIA, José Henrique de. Autogestão, economia solidária e organização coletivista de produção associada: em direção ao rigor conceitual. **Cadernos EBAPE.BR**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 3, p. 629-650, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1679-395157778>. Acesso em: 6 jun. 2026.

FERREIRA, Danillo; RIOS, Matheus e OLIVEIRA, Felipe. **As feiras de Feira de Santana. Feira de Santana**. 23 jul. 2018. Disponível em: <https://feirenses.com.br/feiras-feira-de-santana/>. Acesso em: 6 jun. 2026.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOERCK, Caroline; FRAGA, Cristina Kologeski. Economia popular solidária no Brasil: um espaço de resistência às manifestações de desigualdade da questão social. **Vivências**, Erechim, v. 6, n. 9, p. 103-111, maio 2010.

INCUBADORA DE ECONOMIA POPULAR E SOLIDÁRIA DA UEFS – IEPS/UEFS. **Diagnóstico sociodemográfico sobre os feirantes da Feira de Saberes e Sabores da UEFS**. Feira de Santana: IEPS-UEFS, 2019.

INCUBADORA DE ECONOMIA POPULAR E SOLIDÁRIA DA UEFS – IEPS/UEFS. **Catálogo de apresentação da Feira de Saberes e Sabores da UEFS**. Feira de Santana: IEPS-UEFS, 2020a.

INCUBADORA DE ECONOMIA POPULAR E SOLIDÁRIA DA UEFS – IEPS/UEFS. **Catálogo Tecnologias Sociais: o que a feira tem a ensinar**. Feira de Santana: IEPS-UEFS, 2020b.

INCUBADORA DE ECONOMIA POPULAR E SOLIDÁRIA DA UEFS – IEPS/UEFS. **Projeto Feira Livre e Itinerante como elemento central para o processo de desenvolvimento, reaplicação, aperfeiçoamento e avaliação de tecnologias sociais: guia de**

apresentação. Feira de Santana: IEPS-UEFS, 2020c.

INCUBADORA DE ECONOMIA POPULAR E SOLIDÁRIA DA UEFS – IEPS/UEFS.

Regras de convivência da Feira de Saberes e Sabores da UEFS. Feira de Santana: IEPS-UEFS, 2023.

LIMA, José Raimundo Oliveira. Economia Popular e Solidária e Desenvolvimento Local: relação protagonizada pela organicidade das iniciativas. **Otra Economía**, São Leopoldo, v. 10, n. 18, p. 3-17, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.4013/otra.2016.1018.01>. Acesso em: 6 jun. 2026.

LIMA, José Raimundo Oliveira; CARVALHO, Wendell Jesus de. Intercooperação: princípio-chave para o fortalecimento do cooperativismo no Brasil. **Revista DCS**, São José dos Pinhais, v. 23, n. 86, p. 1-14, 2026. Disponível em: <https://doi.org/10.54899/dcs.v23i86.4084>. Acesso em: 6 jun. 2026.

LIMA, José Raimundo Oliveira; NUNES, Eduardo José Fernandes. Processo educativo de trabalho em economia popular e solidária: um diálogo cotidiano com a educação popular. **Revista de Educação Popular**, Uberlândia, v. 22, n. 3, p. 207-227, 2023. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/reveducpop/article/download/67989/37568/329028>. Acesso em: 6 jun. 2026.

LIMA, José Raimundo Oliveira; NUNES, Eduardo José Fernandes; MESSIAS, Ana Regina; SOUZA, Camila Menezes; MOURA, Janahína da Silva. Feira de Saberes e Sabores da Universidade Estadual de Feira de Santana: uma rede de economia popular e solidária ou um simples mercado consumidor. **P2P & Inovação**, Rio de Janeiro, v. 9, ed. especial, p. 58-72, jun. 2023. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/p2p/article/download/72516/46522/232450>. Acesso em: 6 jun. 2026.

LIMA, José Raimundo Oliveira; SANTOS, Francielle Nascimento dos. Educação, formação e informação: um princípio estratégico entre os cooperados da Cooperativa COOBAF/FS. **Revista PPC**, Curitiba, v. 15, n. 1, p. 1-16, 2026. Disponível em: <https://doi.org/10.23900/2359-1552v15n1-33-2026>. Acesso em: 6 jun. 2026.

MAGNO, Thaissa Souza do Carmo; VASCONCELLOS, Ana Maria; BARROS, Jones Nogueira; ARROYO, João Cláudio Tupinambá. Economia solidária como estratégia para o desenvolvimento local. **P2P & Inovação**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 2, p. 15-34, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.21721/p2p.2022v8n2.p15-34>. Acesso em: 6 jun. 2026.

MESSIAS, Ana Regina et al. A Feira de Saberes e Sabores e Tecnologias Sociais: projeto de extensão de economia popular e solidária da IEPS/UEFS. In: ENCONTRO DE TECNOLOGIA SOCIAL DO NORDESTE, 1., 2025, Maceió. **Anais [...]** Maceió: Even3, 2025. Disponível em: <https://www.even3.com.br/anais/etsnordeste/1152975-a-feira-de-saberes-e-sabores-e-tecnologias-sociais--projeto-de-extensao-de-economia-popular-e-solidaria-da-ieps/>. Acesso em: 6 jun. 2026.

NASCIMENTO, Cláudio. Autogestão: economia solidária e utopia. **Otra Economía**, São Leopoldo, v. 2, n. 3, p. 27-40, 2008.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). **Transformando nosso mundo: a**

Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável. 2015. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs>. Acesso em: 12 jun. 2026.

TYGEL, Daniel. **Economia solidária e educação ambiental.** Brasília: Fórum Brasileiro de Economia Solidária, 2007.